III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2011.

A prática do encontro reflexivo: diálogo e reflexão.

Capeli Andrade, Renata, Walckoff, Simone y Szymanski, Luciana.

Cita:

Capeli Andrade, Renata, Walckoff, Simone y Szymanski, Luciana (2011). *A prática do encontro reflexivo: diálogo e reflexão. III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/000-052/600

ARK: https://n2t.net/ark:/13683/eRwr/CCR

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org.*

A PRÁTICA DO ENCONTRO REFLEXIVO: DIÁLOGO E REFLEXÃO

Capeli Andrade, Renata; Walckoff, Simone; Szymanski, Luciana
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Brasil

RESUMEN
Temos por objetivo apresentar a prática psicoeducativa, denominada Encontro Reflexivo, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa em Práticas Educativas e Atenção Psicoeducacional à Família, Escola e Comunidade (ECOFAM), do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação da PUC/SP - Brasil. Tal prática foi constituída ao longo de pesquisas interventivas realizadas. A constituição deste procedimento visa atender a real demanda de atenção psicoeducativa da população em instituições educativas (creches, escolas e organizações sociais) e comunidades. Os dois aspectos que fundamentam as práticas psicoeducativas em instituições e comunidades desenvolvidas pelo grupo são o diálogo e a reflexão. O pensamento fenomenológico, a partir do exercício de "volta às coisas mesmas" e da noção de "ser-em-situação" será o horizonte de compreensão desses termos. O diálogo aparece como a capacidade de se estabelecer uma relação horizontal de troca entre as pessoas na qual haja a possibilidade de transformação da experiência vivida. A reflexão aparece imbricada no âmbito do diálogo; mostra-se como abertura para uma compreensão inédita. Essa prática tem como pano de fundo a possibilidade de convocação para a ação, como iniciação de algo novo, segundo Arendt. O compartilhamento com outros se revela importante na busca da co-construção de soluções para as demandas apresentadas pelo grupo.

Palabras clave
Encontro reflexivo Diálogo Reflexão

ABSTRACT
REFLECTIVE PRACTICE OF MEETING:
REFLECTION AND DIALOGUE
We are to provide psychological and educational practice, called Meeting Reflective, developed by the Research Group on Educational Practices and psychoeducational help the Family, School and Community (ECOFAM), the Graduate Program in Educational Psychology at PUC / SP - Brazil. This practice was established over interventional research conducted. The constitution of this procedure is intended to meet the actual demand of the population psychoeducational attention in educational institutions (kindergartens, schools and social organizations) and communities. The two aspects that underlie the psychological and educational practices in institutions and communities are developed by the group dialogue and reflection. The phenomenological thought, from the exercise of "back to things themselves" and the notion of "being-in-situation" will be the horizon of understanding of these terms. The dialogue appears as the ability to establish a horizontal relationship of exchange between people in which there is the possibility of transformation of lived experience. The reflection appears in the overlapping dialogue, shows up as an opening for an unprecedented understanding. This practice is against the backdrop of the possibility of calling for action, such as initiation of something new, according to Arendt. Sharing with others is important in the search reveals the co-construction of solutions to the demands presented by the group.

Key words
Reflective meeting Dialogue, Reflection

INTRODUÇÃO: o olhar fenomenológico como sustentação metodológica

Nosso objetivo é apresentar uma prática psicoeducativa denominada Encontro Reflexivo, desenvolvida pelo grupo de pesquisa em Práticas Educativas e Atenção Psicoeducacional à Família, Escola e Comunidade (ECOFAM), do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação da PUC/SP - Brasil. Para tal objetivo será necessário uma breve explanação sobre os fundamentos dessa prática de intervenção e pesquisa, a saber: a perspectiva fenomenológica como rigor, o diálogo e a reflexão.

Não é incomum nos depararmos com a questão do rigor como um problema central nas pesquisas qualitativas e intervenções realizadas à luz da abordagem fenomenológica. É no intuito de nos aproximarmos deste questionamento que elegemos a *reflexividade* como o eixo que nos conduzirá ao rigor tanto na pesquisa como nas práticas psicoeducativas. Para tanto, apresentaremos uma maneira de olhar para um determinado fenômeno metodologicamente apoiada na fenomenologia como uma "ciência rigorosa".

Na investigação da raiz do pensamento fenomenológico encontramos um movimento de busca de rigor da própria filosofia e uma necessidade de retornar "às coisas mesmas", numa clara discussão com o método científico e com o cientificismo de modo geral. Trata-se, em última instância, de um questionamento sobre a necessidade humana (e do conhecimento) em encontrar solo fixo para a realidade e para as ideias sobre a realidade, sintetizado de forma bastante clara por Descartes, cuja estratégia "consistiu em encontrar um ponto de apoio lógico pa-

ra o pensamento, a partir do qual fosse possível a produção de 'ideias claras e distintas' sobre o mundo. Ideias em que o mundo e os saberes sobre ele conquistassem precisão, estabilidade, e, por consequência, pudessem ser controlados. Um lugar onde o mundo e as ideias do mundo ficassem sob o domínio do homem e não o contrário. A insegurança do ser poderia ser transposta pela segurança do saber". (Critelli, 1996: 20).

Daí aos desdobramentos da fenomenologia muito se produziu, nos levando a admitir a existência de várias fenomenologias, muitas vezes divergentes, mas com aspectos comuns e importantes de serem abordados no âmbito da pesquisa e das práticas psicoeducativas. São eles: a crítica à distância que se pretende tomar do mundo para entendê-lo e à necessidade em explicá-lo a partir de conceitos teóricos pré-definidos, características do pensamento dicotômico que herdamos do positivismo do século XIX, presentes na psicologia contemporânea. Essa postura crítica do pensamento fenomenológico pode trazer algumas contribuições do desenvolvimento de pesquisas interventivas e práticas em instituições e comunidades na medida em que nos coloca em contato com noções tais como, por exemplo, a *intencionalidade*, além daquelas já citadas, em que se propõe uma ruptura da dicotomia sujeito-objeto, inaugurando outro modo de olhar a chamada "realidade". Esta, na perspectiva fenomenológica, será sempre entendida a partir de um ponto de vista ou de uma experiência específica: a "verdade", olhada por este ângulo, é sempre um recorte e não um *a priori* teórico e técnico normalmente ditado por quem detém o saber acadêmico ou o conhecimento científico.

Como ponto de apoio da discussão que se segue, consideraremos um eixo que se revela no pensamento fenomenológico, e atravessa diferentes tendências, obras e autores: a "atitude fenomenológica". Assim, "(...) por distinto que pueda ser el sentido de la palabra fenómeno em semejantes expressiones, lo cierto es que también la fenomenología se refiere a todos estos fenómenos en todas as significaciones posibles; pero en una *actitud totalmente distinta*, que modifica en determinada forma todos los sentidos del término fenómeno com que nos encontramos en las ciencias que nos son familiares desde antiguo. Solo en cuanto modificado de esta suerte, entra el fenómeno em la esfera fenomenológica." (HUSSERL, 1950).

Como correlacionar as colocações acima, base metodológica da oficina que pretendemos desenvolver, com a noção de diálogo e *reflexão*? Para responder tal questão, nos remeteremos à história do grupo ao qual pertencemos bem como as reflexões teóricas que sustentam suas ações.

OUTROS ASPECTOS DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-METODOLÓGICA: A ENTREVISTA E O ENCONTRO REFLEXIVO.

Desde 1993, o Grupo de Pesquisa em Práticas Educativas e Atenção Psicoeducacional à Família, Escola e Comunidade (Ecofam), do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, coordenado pela Profa. Dra. Heloisa Szymanski, realiza estudos interventivos em uma comunidade de baixa renda da periferia da cidade de São Paulo. Apresentaremos aqui, o Encontro Reflexivo, um dos procedimentos elaborados e utilizados ao longo dos anos nas pesquisas interventivas feitas na comunidade.

O caráter interventivo das pesquisas realizadas pelo grupo Ecofam pressupõe dois pontos fundamentais. Em primeiro lugar, a compreensão de que a subjetividade, tanto do pesquisador quanto das demais pessoas envolvidas, é constitutiva do processo de investigação. Nesse sentido, não existe neutralidade em nenhum momento da mesma. Em segundo lugar, conforme Szymanski & Cury (2004), podemos considerar como a outra questão fundante da pesquisa interventiva o ato de oferecer serviços (psicoeducativos, no caso do grupo Ecofam) a partir da demanda da população envolvida. Deste modo, "Por se tratar de demanda do grupo, a intervenção tem, para este, na maior parte das vezes, o sentido de prestação de serviço em psicologia. O sentido de investigação científica se constitui quando o trabalho é oferecido por pesquisadores engajados em projetos de uma instituição de pesquisa (Szymanski & Cury, 2004, p. 11)."

A escolha pela pesquisa interventiva como modo de produção de conhecimento se deve à preocupação ética de buscar estabelecer com os participantes da pesquisa uma relação respeitosa, em que o processo de pesquisa seja constituído por pesquisador e participante, tanto no que se refere à definição dos interesses pelos temas a serem estudados como no modo como serão investigados. Desta forma, o participante da pesquisa não se resume a um objeto de estudo, mas um participante ativo da investigação. O mesmo raciocínio serve para as demais práticas, mesmo sem haver finalidade de pesquisa. De qualquer modo há uma preocupação em contribuir para uma Psicologia voltada para a realidade brasileira e sua demanda, e não apenas voltada a referenciais teóricos já estabelecidos. Figueiredo (1995) pode auxiliar a refletir sobre esta questão quando aborda a existência de uma tensão teórico-prática entre o que pode ser chamada de psicologia básica e a psicologia aplicada ou em última instância, teoria e prática. O autor lembra que existe sempre uma tensão entre teoria e prática movimentando a psicologia, fomentando concomitantemente teoria e prática. A concentração na teoria faz parecer que é possível existir uma teoria que pode ser aplicada independentemente do embate do psicólogo com o mundo concreto. Tal postura desconsidera a demanda do mundo e sua convocação para uma revisão constante tanto da atuação do psicólogo, bem como do corpo teórico estabelecido na psicologia.

A proposta do grupo aqui mencionado é não apenas afirmar essa tensão existente, como trabalhar sempre a partir dela, ouvir os incômodos por ela trazidos e atuar e constituir conhecimento tendo-a como origem.

Neste sentido, o grupo se propôs a uma caminhada na direção de uma ação psicoeducativa que tem que ser

constantemente afinada diante desta tensão, sendo esta uma das razões do apreço do grupo pela pesquisa interventiva.

Diante desta visão, o grupo Ecofam tem, em linhas gerais, como eixo de preocupação investigativa o estudo das práticas psicoeducativas tal como se realizam em diferentes contextos educacionais na comunidade e suas implicações na constituição identitária. Ao mesmo tempo, tem como preocupação que os procedimentos desenvolvidos e utilizados em suas investigações possam contribuir para a reflexão a respeito das práticas utilizadas e a abertura de possibilidades de novos modos de educação. Além disso, busca contribuir para a formação de pesquisadores e produção de conhecimento científico voltados para a necessidade da população com a qual se trabalhará e abordando diversos aspectos metodológicos envolvidos nas questões estudadas. Concentrar-nos-emos aqui em um dos procedimentos desenvolvido ao longo dos 16 anos de pesquisas interventivas na comunidade que, ao buscarem responder as demandas desveladas na relação estabelecida entre o grupo de pesquisa e as pessoas da comunidade, se mostrou como prática psicoeducativa.

Tal prática tem como eixo a reflexão, proporcionada por meio do diálogo. Pois, o mundo compartilhado de diferentes modos, por diferentes pessoas só permite abertura na medida em que é revelado ao outro por meio da fala. Na solidão, a perspectiva singular parece ser única e absolutamente verdadeira ou um delírio individual (Arendt, 2002). É na fala e em especial, no diálogo com o outro que distintas formas de ver o mundo podem ser apresentadas.

Na fala do outro, algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo, se desvela. Trata-se de uma abertura feita a partir do outro e ao mesmo tempo para si mesmo. A linguagem é a condição humana que nos permite compartilhar uma experiência comum, “Falar significa falar a alguém” (GADAMER, 2004, p. 179). Assim, o diálogo é um intercambio vivo entre os interlocutores.

O diálogo inicia com uma disponibilidade de abertura para o outro, para aproximar-se da experiência deste e ouví-la. A reflexão é aqui entendida em suas três dimensões apresentadas em sua origem epistemológica: “espelhar, revelar, pensar” (Cunha, 1986, p. 670).

É a reflexão que demarca o caráter educativo do encontro reflexivo. Por meio de provocações educativas, que se apresentam tanto para o pesquisador como para o participante da pesquisa, é possível pensar a educação em seus diversos aspectos e ao mesmo tempo pensar sobre si mesmo.

Nesse sentido, surge também o caráter psicológico da prática, pois possibilita não só o desvelamento de aspectos da questão educativa, mas o desenvolvimento da consciência de si. Há ainda uma segunda faceta deste caráter psicológico, que se refere a uma postura inspirada na clínica psicológica e trazida à prática em seu aspecto de atenção e cuidado dispensados aos participantes.

Tal atitude nos convida à possibilidade do diálogo no procedimento, em especial pela sua ênfase no acolhimento e respeito à pluralidade. Acreditamos que as práticas psicoeducativas devem ser consideradas como veículos de socialização que carregam um modo de viver humano e que impregna todas as trocas intersubjetivas, ou seja, o modo das pessoas serem umas com as outras, de existirem umas com as outras.

A reflexão apresenta-se como uma possibilidade de questionar as interpretações até então tidas como verdadeiras, propiciando um desgelamento das mesmas. Tal atividade propicia a abertura para novas perspectivas de ver a si e suas possibilidades de lidar com o mundo.

Posto isto, o compartilhamento com outros da experiência permite aos participantes ocupar outros pontos de vista, é a convivência com outros, atravessada pelo diálogo, que permite compartilhar e garantir a realidade.

Ao se colocar em questão compreensões do senso comum, coloca-se em questão também os fazeres que estão atrelados a eles, ou seja, a lida com o mundo. Dessa forma, não só percebe-se o mundo através da sua percepção, mas pode-se compreendê-lo de uma forma inédita.

Embasados na reflexão de Arendt (2002), podemos dizer que a convivência com outros e o diálogo possibilitado por esta pode fomentar a consciência de si.

A ENTREVISTA REFLEXIVA

Especificamente a respeito do aspecto da reflexividade, o diálogo foi sendo desenvolvido nos procedimentos utilizados pelo grupo de pesquisa, a partir de uma experiência da coordenadora do grupo que, ao relatar aos participantes da pesquisa, por razões éticas, sua compreensão das entrevistas realizadas em sua pesquisa de doutorado, percebeu que para além das questões éticas, o compartilhamento das compreensões feitas poderia em relação aos participantes revelar sentidos da fala muitas vezes não percebidos por eles; fazê-los refletir sobre estes desvelamentos e ampliar a compreensão sobre o tema do diálogo com o pesquisador e sobre si mesmo. Ao mesmo tempo o pesquisador pode, no momento do compartilhamento, ter sua compreensão negada, ampliada ou ainda confirmada pelo participante. O momento do compartilhamento pode ser também utilizado para retomar e esclarecer pontos ainda obscuros para o pesquisador.

A partir desta constatação, a devolutiva, ou o compartilhamento das impressões e compreensões, passou a fazer parte dos procedimentos de pesquisa recebendo o título de entrevista reflexiva e que possibilitou o acontecimento, paralelamente, dos encontros reflexivos**,** **s**endo que todos os procedimentos são norteados eles mesmos por pequenas devolutivas ao longo de seu desenvolvimento e de grandes devolutivas, feitas ao final de cada prática.

Consideramos, no processo de entrevista, os momentos constitutivos da “entrevista reflexiva” (Szymanski, 2002): inicialmente, parte-se do *aquecimento*, que é

normalmente quando se prepara o terreno para o *approach* com o entrevistado. Pergunta-se, em seguida uma questão mais ampla, denominada desencadeadora, que impulsiona a entrevista e a fala do entrevistado para uma revelação de sua experiência original e pessoal. Ao longo do diálogo o entrevistador desenvolve *expressões de compreensão e sínteses,* que procuram devolver o dito ao entrevistado em várias ocasiões. Não possuir um roteiro prévio além da *questão desencadeadora* e da *questão-eixo*, que é o principal interesse do trabalho, constitui um importante aspecto da entrevista e do uso desta em pesquisas de abordagem fenomenológica: trata-se de um exercício de abertura, por parte do entrevistador, para aquilo que se manifestará, e que não necessariamente se conhece. Trata-se de um preparo para o inusitado, desconhecido, para o vir-a-ser, ou seja, para a gama de possibilidades com a qual temos que lidar no âmbito das ciências humanas. Este é, portanto, um recurso metodológico e a ausência do roteiro detalhado e prévio constitui o próprio recurso.

Isto posto, deter-nos-emos agora mais especificamente nos Encontros Reflexivos, procedimento que surgiu concomitantemente ao da entrevista, tal como colocado anteriormente.

O ENCONTRO REFLEXIVO

Os Encontros Reflexivos foram se constituindo ao longo do trabalho com grupos de pais e mães da creche no bairro, estruturados de modo muito semelhante ao da Entrevista Reflexiva, em especial pela atitude de priorizar as devolutivas das compreensões feitas pelo grupo participante e pelo pesquisador ao longo do encontro e de um encontro para o outro.

Em geral, o tema a ser abordado é trazido pelo próprio grupo e a partir disso é executada uma atividade de aquecimento, remetida a uma questão geradora (Freire, Paulo, 2005), e que visa mobilizar os participantes para o diálogo a respeito do tema. Ao final de cada encontro, além das pequenas devolutivas realizadas ao longo do encontro, é feito um resumo das reflexões feitas pelo grupo, da compreensão feita pelo coordenador e pelo grupo, e são levantados os temas sugeridos para o próximo encontro.

Este procedimento é utilizado em pesquisas interventivas de caráter longitudinal, em que o pesquisador passa longos períodos trabalhando com um mesmo grupo e há uma demanda explícita do grupo em resolver uma questão específica. Seja na educação dos filhos com temas como a agressividade, a sexualidade, o consumismo, o diálogo, ou na elaboração e execução de projetos, práticas de ensino, relação entre família e escola, entre outros. Os temas são sempre eleitos pelo grupo ou ao menos emergem de discussões feitas em encontros anteriores. Por fim, nestes encontros a heterogeneidade é um aspecto fundamental nas trocas interpessoais. Tal postura propicia uma escuta compreensiva, um reconhecimento do outro e a compreensão da própria subjetividade do pesquisador na troca intersubjetiva durante o encontro reflexivo. A compreensão se dá pela reflexividade da situação dialógica, na troca intersubjetiva entre as pessoas que trazem suas histórias, o grupo e o pesquisador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tais aspectos do diálogo e da reflexão justificam o lugar de destaque que ocupam no encontro reflexivo e, também na entrevista reflexiva. Privilegia-se o diálogo e para a reflexão como um lugar de acolhimento que propicia desvelamentos e possível, transformação e criação. Nos encontros reflexivos há a participação ativa de todos os participantes, sendo que pela fala algo que não aparecia pode tornar-se visível, um pensamento tem a possibilidade de ser organizado de maneira inédita e, o compartilhamento deste é extremamente enriquecedor. Reconhecemos a co-construção de compreensão, tanto para os participantes, quanto para o coordenador. Os encontros reflexivos não possuem, portanto, um finalidade específica, um lugar onde se quer chegar. A compreensão de um tema ou de uma problemática e a inspiração para o encaminhamento de novos modos de agir são constituídos por meio do diálogo e da reflexão conjuntamente.

BIBLIOGRAFÍA

Arendt, H. (2002) A vida do espírito. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Critelli, D. (1999). Analítica do Sentido: Uma Aproximação e Interpretação do Real de Orientação Fenomenológica. São Paulo: EDUC: Brasiliense.

Cunha, Antonio. (1986). Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon.

Gadamer, H-G. (2004). Verdade e Método II: Complementos e índice. Petrópolis: Vozes.

Husserl, Edmund. (1950). Ideas Relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica. Mexico: Fondo de Cultura Econômica,

Figueiredo, Luiz Claudio (1995). Revistando as Psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. São Paulo:Vozes.

Freire, Paulo (2005). Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Vozes.

Szymanski, Heloisa (org). (2002). A Entrevista na Pesquisa em Educação: a Prática Reflexiva. Brasília: Plano Editora.